



Grupo de Formação Cultural

Síntese do Primeiro Módulo – Música Sacra e Liturgia, com Pe. João Giomo

- Comentários à homilia do Papa Leão XIV na Solenidade de Cristo Rei, no Jubileu dos Coros, a 23 de novembro de 2025

Queridas irmãs e queridos irmãos,

No salmo responsorial, cantamos: «Iremos com alegria à casa do Senhor» (cf. Sl 121). Por isso, a liturgia de hoje convida-nos a caminhar juntos no louvor e na alegria ao encontro do Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, Soberano manso e humilde, Aquele que é o princípio e o fim de todas as coisas. O seu poder é o amor, o seu trono é a Cruz e, por meio da Cruz, o seu Reino irradia-se sobre o mundo. «Da Cruz ele reina» (cf. Hino Vexilla Regis) como Príncipe da paz e Rei de justiça que, na sua Paixão, revela ao mundo a imensa misericórdia do coração de Deus. Este amor é também a inspiração e o motivo do vosso canto.

Queridos coristas e músicos, hoje celebrais o vosso jubileu e agradeceis ao Senhor por ter-vos concedido o dom e a graça de o servir, oferecendo as vossas vozes e os vossos talentos para a sua glória e para a edificação espiritual dos irmãos (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. Sacrosanctum Concilium, 120). A vossa responsabilidade é envolvê-los no louvor a Deus e torná-los mais participantes da ação litúrgica através do canto. Hoje expressais plenamente o vosso “iubilum”, a vossa exultação, que nasce do coração inundado pela alegria da graça.

Na liturgia, caminhamos no louvor e na alegria rumo ao encontro definitivo com Nosso Senhor Jesus Cristo. Através da liturgia, queremos chegar na grande Liturgia do Céu. Embora não estejamos ainda na Glória do Céu, na terra antecipamos a glória e o louvor eterno que queremos dar a nosso Rei - cujo poder é o amor, e cujo trono é a Cruz.

Em seguida o papa nos fala da graça que todos os músicos e corais têm de servir. O nosso canto na liturgia é um serviço, no qual oferecemos nossas vozes e talentos para a glória de Cristo e edificação espiritual dos irmãos.

Iubilum – (do hebraico *yobhel*, um chifre de carneiro utilizado para proclamar os jubileus) – se diferencia da alegria simples. É como quando a voz se “perde” e não pronuncia mais uma palavra, como os melismas dos cantos gregorianos. Quando se trata de exaltar a Cristo, a voz se “perde”.

*As grandes civilizações nos deram a música para que pudéssemos expressar o que sentimos no fundo do coração e que nem sempre as palavras conseguem transmitir. Todos os sentimentos e emoções que nascem no nosso íntimo a partir de uma relação viva com a realidade podem encontrar voz na música. De modo particular, o canto representa uma expressão natural e completa do ser humano: a mente, os sentimentos, o corpo e a alma se unem para comunicar as grandes coisas da vida. Como nos lembra Santo Agostinho: “*Cantare amantis est*” (cf. Sermo 336,1), ou seja, “o canto é próprio de quem ama”: quem canta expressa o amor, mas também a dor, a ternura e o desejo que habitam no seu coração e, ao mesmo tempo, ama aquele a quem dirige o seu canto (cf. *Enarrationes in Psalmos*, 72,1). Para o Povo de Deus, o canto expressa a invocação e o louvor, é o “cântico novo” que Cristo Ressuscitado eleva ao Pai, fazendo com que todos os batizados participem dele, como um único corpo animado pela Vida nova do Espírito. Em Cristo, tornamo-nos cantores da graça, filhos da Igreja que encontram no Ressuscitado a causa do seu louvor. A música litúrgica torna-se assim um instrumento preciosíssimo através do qual prestamos o serviço de louvor a Deus e manifestamos a alegria da Vida nova em Cristo.*

Cantare amantis est: o canto é próprio de quem ama. Canto de quem ama, e dirigido Àquele que nós amamos, que é Cristo. E o canto expressa amor, dor, ternura, toda a realidade que encontramos e os sentimentos que esse encontro com a realidade suscita em nós, em nós como Corpo de Cristo, a Igreja. O canto é oração: é pedido, invocação; é louvor; é também adoração; intercessão; e reparação. São os aspectos da oração de Cristo e do cristão, portanto da Igreja.

Nós devemos, então, saber o que estamos cantando e para Quem estamos cantando, e ter amor: a Quem dirigimos nosso canto ter confiança, e expressar a Ele o que sentimos, o que necessitamos, e tudo o que admiramos do que Ele está fazendo e faz – fez definitivamente um Canto Novo com a Ressurreição.

Assim nós fazemos um canto novo porque Ele venceu a morte e o mal deste mundo. O canto deve expressar a certeza que temos de que nem o mal nem a morte são a última palavra da vida. É um Canto Novo. Por isso, com um espírito novo devemos cantar – com o Espírito de Cristo. “A música litúrgica torna-se assim um instrumento preciosíssimo através do qual prestamos o serviço de louvor a Deus e manifestamos a alegria da Vida nova em Cristo”.

Santo Agostinho exorta-nos, ainda, a caminhar cantando, como viajantes afadigados, que encontram no canto uma antecipação da alegria que sentirão quando alcançarem o seu destino. «Canta, mas caminha [...] avança no bem» (Sermo 256, 3). Com efeito, fazer parte de um coro significa avançar juntos, tomando os irmãos pela mão, ajudando-os a caminhar conosco e cantando com eles o louvor a Deus, consolando-os nos sofrimentos, exortando-os quando parecem ceder ao cansaço, dando-lhes entusiasmo quando a fadiga parece prevalecer. Cantar lembra-nos que somos Igreja em caminho, autêntica realidade sinodal, capaz de partilhar com todos a vocação ao louvor e à alegria, numa peregrinação de amor e esperança.

- Canta e caminha!

Canta e caminha: É a expressão de Santo Agostinho que Igreja oferece no Ofício das Leituras no último dia do Ano Litúrgico. Somos um povo peregrino: um povo que caminha rumo ao canto final da Glória total de Deus – faremos um só coro imenso, infinito de filhos que Deus convidou a participar da sua Festa, do Banquete Nupcial do Cordeiro, do Casamento definitivo que Deus fez com a humanidade na morte e ressurreição de Jesus. Os convidados que entrarão nesta festa são todos cantores das glórias de Deus, depois da peregrinação nesta terra. Canta e caminha!

Santo Inácio de Antioquia também usa palavras comoventes ao relacionar o canto do coro com a unidade da Igreja: «no acordo de vossos sentimentos e na harmonia de vosso amor, vós podeis cantar a Jesus Cristo. A partir de cada um, que vos torneis um só coro, a fim de que, na harmonia de vosso acordo, tomando na unidade o tom de Deus, canteis a uma só voz, por meio de Jesus Cristo, um hino ao Pai, para que ele vos escute e vos reconheça por vossas boas obras» (S. Inácio de Antioquia, Ad Ephesios, IV). Realmente, as diferentes vozes de um coro harmonizam-se entre si, dando vida a um único louvor, símbolo luminoso da Igreja, que no amor a todos une numa única melodia suave.

Este é um pensamento comovente para quem vive uma vida no coro. O coro é uma expressão especial da humanidade da Igreja. Cantando, por exemplo, valorizando os uníssonos, ou rezando os salmos em uníssono, assim expressamos a unidade da Igreja, cantando a uma só voz por meio de Jesus Cristo um hino ao Pai, e na diversidade das vozes Cristo reconhecerá a diversidade das boas obras que realizamos em nossas vidas.

Pertenceis a coros que desenvolvem as suas atividades principalmente no serviço litúrgico. O vosso é um verdadeiro ministério que exige preparação, fidelidade, compreensão mútua e, acima de tudo, uma vida espiritual profunda, de modo que, se rezais cantando, ajudais todos a rezar. É um ministério que requer disciplina e espírito de serviço, especialmente quando é necessário preparar uma liturgia solene ou algum evento importante para as vossas comunidades. O coro é uma pequena família de pessoas diferentes, unidas pelo amor à música e pelo oferecimento do próprio serviço. Lembrai-vos, porém, que a comunidade é a vossa grande família: vós não estais à frente, mas fazeis parte dela, empenhados em torná-la mais unida, inspirando-a e envolvendo-a. Como em todas as famílias, podem surgir tensões ou pequenos desentendimentos, coisas normais quando se trabalha em equipe e se esforça para alcançar um resultado. Podemos dizer que o coro é um pouco um símbolo da Igreja que, voltada para o seu destino, caminha na história louvando a Deus. Embora, às vezes, esse caminho seja repleto de dificuldades e provações, e os momentos de alegria se alternem com outros mais difíceis, o canto torna a viagem mais leve e traz alívio e consolo.

Portanto, empenhai-vos em transformar cada vez mais os vossos coros num prodígio de harmonia e beleza, sede cada vez mais uma imagem luminosa da Igreja que louva o seu Senhor. Estudai atentamente o Magistério, que indica nos

documentos conciliares as normas para desempenhar da melhor forma o vosso serviço. Acima de tudo, sede capazes de fazer com que o povo de Deus participe sempre, sem ceder à tentação da exibição que exclui a participação ativa de toda a assembleia litúrgica no canto. Sede, desta forma, um sinal eloquente da oração da Igreja, que através da beleza da música demonstra o seu amor a Deus. Vigiai para que a vossa vida espiritual esteja sempre à altura do serviço que prestais, para que este possa refletir autenticamente a graça da liturgia.

Coloco-vos todos sob a proteção de Santa Cecília, a virgem e mártir que, aqui em Roma, com a sua vida, elevou o mais belo canto de amor, entregando-se totalmente a Cristo e oferecendo à Igreja o seu luminoso testemunho de fé e amor. Continuemos cantando e façamos nosso, uma vez mais, o convite do Salmo responsorial da liturgia de hoje: «Vamos com alegria para a casa do Senhor».

Acredito que as indicações e exortações finais desta homilia do papa são realmente uma trajetória a ser percorrida por todos os que querem viver profundamente uma vida espiritual cantando, a serviço da liturgia. Com uma vida espiritual profunda, rezam cantando e ajudam todos a rezar. É um ministério importantíssimo. O coro é uma pequena família de pessoas diferentes: unidos pelo amor à música e pelo oferecimento do próprio serviço, mas unidos. Se não estão unidos no amor a Cristo, o amor à música não será suficiente.



- Sobre a Liturgia e o Sagrado Silêncio

Toda a liturgia é cercada de silêncio. O silêncio é como um espaço-tempo em que se desenvolve a ação litúrgica, ação litúrgica que é amor. A ação litúrgica é o canto de amor entre Deus e a humanidade. Então é Deus que fala, e nós que respondemos.

Mas o próprio Deus poderia ser imaginado como o silêncio infinito, sem limite. Mas é um silêncio cheio de uma Presença. O silêncio na liturgia faz descobrir a Presença de Deus. Se você está distraído por mil rumores e mil outras coisas, você não alcança contatar a presença divina.

Deus é infinito, sem limite, então é sem espaço; Deus é eterno, então é sem tempo. Mas é um sem-espaço e sem-tempo que é plenitude do amor eterno. Um amor eterno que quer pronunciar. E pronunciando uma Palavra, quer criar tudo. O Pai pronuncia uma só Palavra, o Filho, que no evangelho de São João é chamado Verbo. (cf. Jo, 1, 1) O verbo em uma língua indica uma ação. No início está a Ação de Deus, que é uma Ação de amor, de Se comunicar.

Naturalmente é preciso a atenção do Filho, eternamente dessa atenção. O Filho é gerado no silêncio infinito do amor do Pai, é gerado continuamente na sua Palavra. Tudo foi criado por Ele e sem Ele nada foi criado, nada daquilo que existe. Então nós podemos levantar o silêncio até o infinito de Deus como um sem-espço e sem-tempo que pronuncia tudo por Amor. E pronunciando a sua Palavra, quebrando o silêncio Ele cria, faz existir as coisas. Assim este é o primeiro capítulo do Gênesis, que descreve que no início tinha uma espécie de vazio, e Deus começa a falar. (cf. Gn, 1) E quando Deus diz: “faça-se a luz”, a luz aparece. Façam-se o sol, a lua, e as criaturas aparecem. A Palavra é criativa, o Amor é uma potência infinita. Deus tem o poder de fazer existir e de colocar uma presença de mil coisas, mas todas feitas por uma única Palavra, o seu Filho. E todas sustentadas por um único Amor infinito que é o Espírito Santo.

Porque se o silêncio não for isso, é puro vazio. Pois o silêncio torna-se a descoberta de uma Presença. Também um som qualquer que quebre o silêncio, tem que ter um emissor – alguém que produziu este som – e alguém que receba este som – que é o meu ouvido, não apenas o sentido, mas o ouvido interior, que é o coração. Por isso uma liturgia sem o silêncio é como uma ação que não descobre a Presença do Amor e que portanto não sabe dialogar.

Toda a Prece Litúrgica é a prece de Alguém que te chama e te faz existir, de Alguém que te acompanha e que te faz caminhar, de alguém que te realiza e depois te envia. Esta é a Palavra de Deus que nos faz Igreja. Igreja quer dizer *ekkaléo*, ἐκκαλέω em grego, que é chamar, ser chamados por alguém.

Então na sacristia, já se começa a fazer silêncio. O padre que deve celebrar, os ministros que se vestem... E o povo que está reunido deve estar em silêncio, esperando por Aquele que vem dizendo o seu amor por ele, vem comunicando o Seu amor por ele e Se faz presente no meio deles. “Quando dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles”. A liturgia é um povo convocado, chamado, chamado por Deus. Igreja quer dizer isso.

Mas toda palavra exige acolhida. Primeiro, todos nós estamos celebrando com Cristo. É em Cristo que somos sacerdotes, é Cristo quem celebra. Também cantamos a Presença de Deus.



- Presença

A Presença do povo; a Presença do sacerdote, que é o enviado para transmitir a memória de Cristo; a Presença na Palavra que é anunciada; a Presença no pão e no vinho, que é consagrado na comunhão, que é a presença mais específica no sacramento da Eucaristia. Nós temos o sinal que se torna realidade total, que não é só um sinal que remete, mas que se torna a presença total de Corpo, Sangue, Alma e Divindade. O próprio Cristo oferece a sua divindade a

nós, que nos unimos a Ele em comunhão. Pois vivemos a vida divina que Ele nos transmite e nos dá.

- O silêncio como parte da celebração

Da Instrução Geral do Missal Romano nº 43: “*Oportunamente, como parte da celebração – parte, pois sem o silêncio não existe celebração –, deve-se observar o silêncio sagrado*”. A sua natureza depende do momento em que ocorre em cada celebração.

Por exemplo, no Ato Penitencial, e após o convite à oração, cada fiel se recolhe. Ou após uma leitura ou homilia, meditam brevemente sobre o que ouviram. Após a comunhão, enfim, louvam e rezam a Deus no íntimo do coração.

- O altar é o leito nupcial em que o Esposo renova a sua aliança com a Esposa

Se nós dissemos que a liturgia é um Canto de amor entre Deus e a sua criatura, entre Deus, esposo, e a sua esposa, que é a Igreja, o altar é o leito nupcial em que o esposo renova a sua aliança com a esposa, dá todo o seu corpo, todo o seu sangue, toda a sua vida para a esposa, a esposa que entrega toda a vida dela para que ele a fecunde, a faça capaz de vida, mas não de morte. Que possa purificá-la, santificá-la, fecundá-la, etc.

- Os três momentos afetivos simbolizados pelo beijo na liturgia

Nós temos apenas três momentos afetivos simbolizados pelo beijo durante a liturgia.

O beijo de entrada, quando o sacerdote beija o altar – o altar é sinal de Cristo. O padre neste momento é um fiel, mas beija o altar, que é Cristo, onde Ele vai doar a sua vida por nós. Então é um beijo inicial, é como quando nós vamos trabalhar, então nos levantamos de manhã, o marido e a mulher se dão um beijo antes de trabalhar, se dão um bom-dia.

Outro beijo é depois que Deus falou primeiro pelos profetas, depois pelas testemunhas. Primeira leitura, Antigo Testamento; Segunda leitura, a palavra dos apóstolos. As testemunhas de Deus nos falam pelo Antigo Testamento, que preparou a vinda de Jesus, e pelas testemunhas da vinda de Jesus que estão no meio de nós, Presença. Então nos fala pelo próprio Evangelho, e o padre beija o livro, o evangelário.

Esse é o afeto do esposo que fala com a esposa, a esposa dá de volta o seu afeto porque ele não ficou calado, mas quis romper o silêncio com a sua Palavra de Vida. É a Igreja recebendo esta Palavra de Vida, este Sopro de Vida de Deus.

O terceiro beijo é na despedida, quando no fim o padre beija de novo o altar. Então estes são os três sinais afetivos da liturgia que celebra, vamos dizer assim, o casamento entre Deus e a sua Igreja.

Esta ação de amor perpassa a História.



- A Vida Humana é uma Liturgia

Toda a vida humana poderia ser uma liturgia, e é de fato uma liturgia, em que Deus cria as suas criaturas e espera na sua criatura uma resposta de amor. As criaturas podem dar uma resposta de amor só através do homem, pois é o homem que é a consciência do universo. Cada menino ou menina que nasce no mundo é um ponto de consciência do universo. Nós, que somos mais ou menos modernos com estes *chips* que recolhem um montão de informações e as transmitem... O homem é um tipo que recebe um infinito dos estímulos divinos. Ele é a consciência do universo. Os *chips* não têm consciência, são matéria, mas o homem sim: o homem é inteligência, é coração, é liberdade.

Nós devemos, os padres, nos preparar na sacristia em silêncio. O povo tem que esperar em silêncio a aparição de Jesus presente no Padre. E o Padre estar na presença do povo agradecendo a Deus por cada fiel que está lá, porque é um chamado, aquele momento em que Deus os chamou para celebrarem juntos.

Para o Padre, a presença do povo é a Presença da Igreja. E a Presença da Igreja não é fruto da habilidade missionária, pastoral do sacerdote. É fruto do Espírito que chamou cada um a buscar Deus, quer seja a primeira vez, quer seja depois de muitas vezes.

Então, a acolhida que o padre deve fazer ao povo quando o saúda - *a graça e a paz de Deus estejam conosco. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo*. Este primeiro

louvor é fantástico, deveria suscitar em nós um contentamento enorme. Sim, um padre que é preso no Vietnã, como Van Thuan, e que fazia chegar lá uma gotinha de vinho e um pedacinho de pão e rezava na prisão sozinho, sem que o guarda pudesse perceber que estava celebrando a missa, celebrava sempre em união com toda a Igreja, nunca pensando em uma coisa pessoal. A missa é oração de Cristo e da Igreja juntos, em favor de todos os homens.



- O silêncio nos Ritos Iniciais

Então, temos o primeiro silêncio dos ritos iniciais, o silêncio do ato penitencial.

Por que estamos lá? Porque todos nós somos imensamente necessitados de perdão. E da força para perdoar. E quem é que pode distribuir o perdão a toda humanidade? O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

O pecado do mundo é formado pelo orgulho descrito no primeiro capítulo de Gênesis, do homem e da mulher que querem ser iguais a Deus. E se substituir a Deus e pensar que são donos da vida, certo? E que podem fazer o que quiserem com a vida. Então, este é o pecado do mundo e dentro deste temos todos os nossos pecados.

Sentimo-nos reunidos no amor de Cristo que tira o pecado do mundo – eis o ato penitencial no início da missa – pois diante de Deus é preciso uma humildade! Pela distância entre uma criatura que existe há poucos anos, como nós, nesta terra, mas é um pedido a Deus para existir para sempre. Rezando ou não rezando, desde que sou concebido, eu sinto o instinto biológico que Deus colocou em mim que tem que evoluir para ser uma consciência do universo. Em mim existe um pedido de existir, de poder ser concebido, então gestado, depois nascido, depois acompanhado. Um pedido de existir para vencer a morte, vencer o pecado antes.

Passar através de uma história de pecados do mundo e sair como filho. E como filho que naturalmente é. O Filho eterno, o Verbo, é gerado eternamente. Nós que começamos a ser gerados na história deste pequeno planeta, nós queremos ter um pedido de vida para sempre. Eu não quero que o meu nome se apague. Se Deus me dá um nome e conhece as estrelas por nome, Ele quer que também conheça cada um dos seres humanos que Ele criou justamente como alguém que possa responder, não obrigado, não biologicamente escravo, não psicologicamente manipulado, mas com total liberdade posso dizer: “obrigado por me amar”.

Como uma criança que a um certo ponto se descobre com amor infinito, que é o fato de alguém pedir a existência dele, que depois este amor infinito continue a dar-lhe existência. Nós somos. Por isso que a primeira oração exige silêncio.



- Coleta

Em seguida, o sacerdote convida o povo a rezar. “Oremos”. *“O povo todo se conserva em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência que estão na presença de Deus. E formulando interiormente os seus pedidos”*. Nós fazemos a Coleta dos pedidos da humanidade e de todas as necessidades que eu tenho pessoalmente. Percebo que elas são uma necessidade infinita. É necessidade de ser, de viver para sempre. É de viver livre. De não viver escravo das amarras de todos os vícios deste mundo, de todas as violências, as revoltas, as vinganças, os rancores deste mundo. Eu preciso viver. E viver livre.

Então, eu vou coletando. É preciso vencer a morte. Porque Um só pode me dizer: Eu sou a Ressurreição e a Vida. Recolhemos todas as intenções da assembleia e todas as intenções do mundo desde que é criado e se percebe doente e condenado à morte. Então, para pedir vida. Então, coletar. E quem pode levar esta oração ao Pai da vida? Cristo. *“Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Nosso Filho, que é Deus, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo. Amém”*.

Então, porque Jesus ensinou a rezar: “Onde dois ou três estiverem reunidos, eu estarei no meio deles”. Qualquer coisa, pedir desde o Pai em meu nome, Ele gostará. E a oração que a Igreja oferece é como uma coleta de tantíssimas intenções, de toda a humanidade, que reza ao Seu Pai. *Por Cristo*.

Com Cristo. Porque se não tivesse este mediador entre céu e terra, nosso som se perderia no vácuo do universo. Não teria ninguém que escutasse.

Qual é a felicidade de Jesus quando morre? Que Deus ouviu o Seu grito. Jesus morreu lançando um grito. É o grito que perpassou toda a história, que perpassou todas as distâncias espaciais de um universo, de um multiverso, chegou Àquele que é o Pai. *“E ninguém vai ao Pai senão por mim”*. A certo ponto, nós, sem o silêncio, somos de uma superficialidade tremenda.

Esse é o silêncio cheio da Presença, que te faz descobrir que você está na presença de Deus. Por favor, calemba diante de Deus, porque Ele também é o juiz. Não se relacione com Deus com medo de alguém que vai te condenar, mas se relacione com Deus como um Pai que não gosta da morte do pecador e quer a sua conversão.

- Plenitude de vida e Missão

Converter para sentir uma plenitude de vida. Não é para ser melhor do que os outros. É para eu realizar a palavra com que Deus me guiou, com que Deus me quis, a vocação com a qual Deus me chamou, a missão que Deus me confia.

No fim da missa, os ritos finais se chamam de ritos de envio também. “*Ite missa est*” em latim. Por que chamamos *missa* a liturgia eucarística, a liturgia do sacramento do pão e do vinho? Porque terminava assim, *ite missa est*, com o sujeito que é enviado subentendido gramaticalmente nessa síntese latina: Missa, ***ecclesia*** missa est. Vocês, povo de Deus que se reuniu agora são enviados!

Na missa nós descobrimos isso: Deus que nos chama, Deus que nos fala, Deus que se doa e renova a sua Aliança conosco, uma Aliança Eterna.



- O silêncio na Liturgia da Palavra:

É bonito o nº 56 [Instrução Geral do Missal Romano]: “*A liturgia da palavra deve ser celebrada de tal modo que favoreça a meditação, por isso deve ser de todo evitada qualquer pressa que impeça o recolhimento*”.

Então, bendito seja aquele leitor que vai se inclinar diante do altar, deixa o lugar onde está sentado e faz uma reverência ao altar, vai devagar até o ambão. É bonito este silêncio, porque prepara para ouvir. O silêncio, então, de acordo com a assembleia reunida, pelo qual, sobre a ação do Espírito Santo, se acolhe no coração a Palavra de Deus.

O silêncio é para acolher no coração a palavra de Deus. E o silêncio é para preparar a minha resposta. Então, quando Deus falou nas leituras, a sugestão é que haja um momento de silêncio. Pouquinho, mas pelo menos um pouquinho. Então, neste convite a fazer descer a Palavra no fundo do coração, o silêncio é necessário. Rezamos antes da comunhão: “*Senhor, não sou digno de que entreis na minha casa, mas disse uma Palavra, eu serei salvo*”. Se por acaso eu volto da missa para a minha missão no mundo com uma Palavra que me tocou, que foi a fundo para eu entender a mim mesmo – os meus erros, os meus acertos, a minha alegria, a minha missão –, uma Palavra que me consolou, que me fortaleceu, já é muito; se no silêncio conseguíssemos, pelo menos em cada um de nós, em cada celebração, guardar uma Palavra de Salvação para nós.

A palavra de salvação será no julgamento final. “*Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo*”. (cf. Mt 25, 34) Então, quando receber aquela palavra, então eu serei salvo para sempre, eu poderei sentir aquele pedido de ser, de ser salvo do pecado e da morte, se realizar. Então, será a alegria do paraíso! Mas nunca uma palavra de maldição, a missa termina sempre com bênção, a palavra bênção é uma coisa fantástica para ser aprofundada.

O padre nos abençoa, porque Cristo veio para abençoar, *bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a bênção do Alto em Cristo Jesus*. Então, o homem não é mais amaldiçoado, através de Cristo é só abençoado, é só perdoado.

O silêncio, preparando a escuta da palavra de Deus, depois de cada leitura, e depois da homilia do Padre também na palavra da Igreja. Deus nos fala pelos profetas que prepararam a vida do Senhor, pelos testemunhos daqueles que viveram com Cristo, e depois pela Igreja.



- **Fundamentação do canto na Celebração.**

Cantos dialógicos: são diálogos entre quem preside a celebração e o povo. É importante o ensino musical para os padres. É o principal canto. Tudo poderia ser cantado, nessa cantilação.

Primeiro Exemplo: Ritos Iniciais. Na edição de 1991 do Missal Romano, há outras sugestões de resposta musical para o canto da saudação inicial. Importante ressaltar que estes cantos não foram abolidos. Os cantos do Missal Romano de 2023 são muito simples e universais, são utilizadas pelo Papa em Roma.

Outro momento importante para o canto dialógico é o momento da consagração.

O manual ressalta a importância do **silêncio**, que deve envolver a liturgia, desde o momento anterior à procissão da entrada, apontando momentos onde o silêncio é previsto. O canto dialógico favorece o ambiente de silêncio.

Cantos dialógicos na liturgia da palavra: Tudo pode ser cantado: o canto reforça a palavra. Todo o canto litúrgico é para reforçar a Palavra e escutá-la melhor. Sobretudo a cantilação – o canto litúrgico faz saborear as sílabas e as palavras, para poder anunciar com mais cuidado. E o silêncio para ajudar a acolher a Palavra. Primeiro prepara o anúncio, depois prepara o coração para ouvi-la – com o silêncio –, e no silêncio deposita-la no coração.

Cantos ordinários: *Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus e Agnus Dei*. Nas missas sinfônicas, como por exemplo de Beethoven, Schubert e Mozart, são essas as partes que são orquestradas.

Hoje não é costume cantar o Credo, por ser muito longo. São sempre os mesmos, as palavras não devem ser alteradas por versões poéticas.

Salmos: é um dos cantos mais importantes, presente na Liturgia da Palavra. Já eram cantados pelos hebreus. Seria interessante recuperar a música gregoriana, muito simples, e seus tons salmódicos. A edição da liturgia diária da CNBB traz sugestões de salmos dominicais.

Cantos processionais: Entrada, Preparação das Ofertas, e Comunhão.

- Epiclese:

As ofertas são recebidas e a bênção divina é invocada para que sejam transformadas depois em corpo e sangue de Cristo na hora da consagração – na hora da epiclese. Epiclese quer dizer invocação sobre as ofertas. Então, sobre o pão e o vinho. Quando o padre estende a mão sobre o pão e o vinho, esse momento se chama epiclese, que em grego quer dizer chamar em cima, *epi-kaléo* (ἐπικαλέω), eu chamo em cima dessas ofertas a força do Espírito Santo. Quem muda o pão e o vinho não é nenhuma mágica, é a força do Espírito Santo. E muda o pão e o vinho em corpo e sangue de Cristo realmente presente, depois das palavras da instituição: *isto é meu corpo, este é meu sangue*.

“Eu não vejo nenhuma mudança”, falava Santo Tomás, no seu hino *Adoro Te Devote*. “A vista, o tato, o gosto falham, mas o ouvido não falha”: eu ouvi as palavras e creio nessas palavras. Isto acontece pela força do Espírito Santo, pela epiclese. O pão e o vinho são então *eucaristizados*, ou seja, foram dadas graças sobre o pão e o vinho e foi invocado o Espírito Santo. Ele transforma o pão e o vinho em corpo e sangue de Cristo, porque você acredita com o ouvido, pois os olhos, o tato, o gosto vão falhar. Continua sendo um pão, mas o ouvido ouviu as palavras.

Isto é meu corpo, mistério da fé. Então, a resposta é o mistério da fé. Este mistério da fé, o padre que não sabe cantar, não precisa, mas o povo que aprender a melodia, cante, por favor, porque este é o centro, é o centro da missa.

É o mistério da fé que estamos celebrando. E qual é o mistério da fé? A morte de Jesus para nos salvar do pecado e nos perdoar, e a sua ressurreição para nos dar a vida nova e filhos de Deus que participarão da sua glória no céu. Então, a invocação do Espírito Santo que

transforma o pão e o vinho em corpo e sangue de Cristo – a invocação do Espírito Santo e a fé com que nós ouvimos as palavras da consagração.

- Em missão

Existe também uma segunda invocação do Espírito Santo, uma espécie de segunda epiclese, que quer dizer invocação em cima, em cima do povo de Deus.

Porque através do corpo e sangue de Cristo que você vai comungar, nos ritos de comunhão, então você é transformado em corpo e sangue de Cristo, então em Presença de Cristo, viva. Carne e osso na sociedade, você que comungou, você Corpo e Sangue de Cristo, que se mostra na sociedade e na vida do povo. Então, saindo da missa, você também, sobre você foi invocado o Espírito Santo, e se você comungou é porque Cristo vive em você, encontra você. *Ite missa est*, em latim: “*Ide em paz, e o Senhor vos acompanhe*”, na vossa missão, de ser testemunhas de Cristo na sociedade e no mundo. Então quem encontra você encontra Cristo, porque sobre você foi invocado o Espírito Santo, a vida de Cristo veio dentro de você na comunhão, você é um só corpo, um só Espírito.

Oh, que coisa linda, que então a fé não diminuiu no meio de toda esta bagunça humana e de todo o mal da Terra! *Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre.*



Pe. João Giomo é padre missionário do Pontifício Istituto Missioni Estere (PIME). Há 56 anos celebra a Santa Missa, 50 deles no Brasil. Quando seminarista, cantava no coral e acompanhou a implantação do canto litúrgico após o Concílio Vaticano II.

Bibliografia:

CELAM 2008, Vol. II, Cap. 7 - O canto e a música na celebração

Instrução Geral do Missal Romano, 2023

Liturgia Diária CNBB

Missal Romano Ed. 1991

Sacrossantum Concilium - primeiro documento do Concílio Vaticano II, sobre a liturgia.